

“SALVE!, AMANHÃ É OUTRO DIA!” O MEDO E A CULPA DO HOMEM AUSTRIACO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

*Domenica Cristina Mendes**

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar um panorama geral da sociedade austríaca no ano de 1945. Com base em um romance literário de autoria de Johannes Mario Simmel, escritor austríaco que sobreviveu aos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, é possível analisar e identificar o medo e a culpa que os austríacos, independente de sua classe social, idade, ideologia e religião sentiam nesse período. Johannes apresenta uma história baseada em fatos reais, da qual participou, onde assume uma posição crítica e resistente ao movimento nazista e aos conflitos da guerra.

Palavras chave: Nazismo, sociedade austríaca, Johannes Mario Simmel, Segunda Guerra Mundial.

“HAIL!, TOMORROW IS ANOTHER DAY!” THE FEAR AND GUILT OF THE AUSTRIAN MAN IN WORLD WAR II

Abstract: The present article aims to present an overview of the Austrian society in 1945. Based on a novel by the author Johannes Mario Simmel, an Austrian writer who survived the events of World War II, about which he wrote and published several novels, tales and essays is possible to analyze and identify the fear and guilt the Austrians felt during that period, regardless of their social class, age, ideology and religion. Johannes presents a critical, resistant to the Nazi movement and the conflicts of war story based on the true facts that he experienced.

Keywords: Nazism, Austrian society, Johannes Mario Simmel, War World II.

O avanço do Nazismo pela Europa e a sua atuação na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) trouxeram consequências drásticas para o cenário europeu e para o restante do mundo. Durante o conflito, foi necessária a aliança de diversos países e inúmeras estratégias de ataque e defesa militares para conter o avanço e domínio da força nazista. Após uma aliança bastante interessante entre os Estados Unidos da América e a Rússia Soviética o Nazismo Alemão finalmente foi derrotado, seu líder Adolf Hitler se suicidou e o quase império nazista ruiu: era a queda do Terceiro Reich Alemão.

Após o final da Segunda Guerra Mundial surgiram inúmeros trabalhos, pesquisas e estudos sobre o assunto. De fato, a temática nazismo, fascismo e Segunda Guerra Mundial foi e ainda é bastante explorada por diversos estudiosos e pesquisadores em todas as áreas, principalmente a de Ciências Humanas. A complexidade do assunto e a difícil aceitação de sua realidade histórica, da qual muitos se envergonham, geraram diversos estudos e publicações sobre o assunto: livros e pesquisas científicas, documentários,

filmes, livros literários, didáticos, romances, depoimentos de sobreviventes, depoimentos de militares e combatentes, registros áudio visuais da época, registros iconográficos, entre outros. Pesquisadores provenientes de todas as partes do mundo se debruçam sobre o assunto e os documentos disponíveis para responder a questionamentos e sanar dúvidas, tentando compreender como algo de tamanha crueldade e brutalidade aconteceu com tamanha intensidade. É de sua prioridade também a conscientização social para que atos como estes não sejam recorrentes.

Johannes Mario Simmel: a personagem por trás da máquina de escrever

É o caso do escritor Johannes Mario Simmel. Nascido em Viena, na Áustria, no dia sete de abril de 1924, Johannes era o filho mais velho de Wagner Simmel, químico e Lisa Schneider Simmel, que trabalhava em um estúdio de cinema vienense. Sua família pertencia à aristocracia alemã e era judia.

Johannes possui mais de vinte obras literárias publicadas e traduzidas em mais de vinte e oito idiomas. É um escritor consagrado na Europa, principalmente na Alemanha e na Áustria. É possível encontrar com facilidade suas obras nas bibliotecas brasileiras. Paradoxalmente, existem poucas informações biográficas sobre o autor disponíveis para consulta pública.

Em todas suas obras é possível identificar indícios de sua postura de resistência ao movimento nazista, sua postura assumida de partidário ao Partido Social-Democrata e alguns acontecimentos históricos que ocorrem ao período da Segunda Guerra Mundial ou após seu término. Seja em seus romances, em seus contos, crônicas, roteiros de trabalhos televisivos ou reportagens publicadas em diversos jornais austríacos e alemães, o autor apresenta uma grande preocupação em registrar a memória e a vida de diversas vítimas do nazismo, bem como a sociedade austríaca reagia perante tais atrocidades e lidava com as conseqüências do pós-guerra.

Tal postura, preocupação e empenho do autor em registrar e apresentar críticas ao nazismo e aos acontecimentos do pós guerra são justificáveis também uma vez que se volte a atenção para a biografia do autor. Primeiramente, sua família era judia. Durante a Segunda Guerra Mundial a maior parte de sua família foi brutalmente exterminada em campos de concentração nazistas. Em segundo lugar, seu pai Wagner Simmel, assim como Johannes, era social-democrata. Quando, em 1938, a Áustria foi anexada à Alemanha de Hitler, seu pai passou a ser caçado por constar na lista de perseguidos políticos, cujo destino era sua execução imediata. Wagner Simmel deixou a Áustria, onde jamais retornou. Johannes começou então a trabalhar para sustentar sua irmã e sua mãe.

Johannes seguiu a carreira do pai: formou-se em química no ano de 1943 e trabalhou nos laboratórios vienenses até o ano de 1945, quando os laboratórios foram destruídos. Foi convocado para o Exército Alemão onde, não aderindo à ideologia e às posturas impostas e exigidas pelo sistema

orientado por Adolf Hitler, optou pela deserção, tornando-se um refugiado do Exército. Quando o Exército Russo derrotou o Exército Nazista na Áustria, Johannes foi aprisionado e levado, sendo julgado como partidário nazista. Uma vez provada sua inocência e sua resistência ao regime, Johannes foi enviado para trabalhar como intérprete da Polícia Norte-Americana. No ano de 1946 regressou à Viena para trabalhar na base da Polícia Militar, onde além de intérprete começou a trabalhar como tradutor de livros e manuscritos.

Nessa época, Johannes foi presenteado com sua primeira máquina de escrever. Começou, então, a escrever seus primeiros livros e crônicas, alguns publicados nos anos posteriores.

O jornalista

Aproximadamente no ano de 1947 Johannes deixou de ser intérprete e começou a trabalhar como jornalista. Trabalhou como repórter e editor de jornais e revistas austríacos e alemães durante vinte e cinco anos. Dentre estes, pode-se destacar os jornais *"Welt am Abend"*, onde foi redator cultural, e o *"Neus Österreich"*, ambos importantes jornais de resistência e de declaração social democratas.

O jornal *"Welt am Abend"* foi criado em outubro de 1946 e encerrado em 1948. Era um jornal diário de licença francesa, que possuía forte influência do Partido Social Democrata Austríaco. Já o jornal *"Neus Österreich"* foi criado em abril de 1945, o primeiro jornal oficial austríaco do pós-guerra. O Partido Popular Austríaco (ÖVP), o Partido Social Democrata Alemão (SPÖ) e o Partido Comunista da Áustria (KPÖ) eram os responsáveis por seu conteúdo. Sua última publicação foi em 28 de janeiro de 1967.

No ano de 1950 Johannes mudou-se para a Alemanha, onde morou em Munique, Berlim e Hamburgo. Enquanto morava em Munique foi contratado para trabalhar na revista *"Illustrierte Quick"*, a primeira revista semanal alemã surgida no pós guerra. A revista *"Quick"* foi lançada no dia 25 de abril de 1948 com uma tiragem de 110.000 exemplares. No segundo trimestre de 1960, a revista alcançou uma média de tiragem de 1.389.608 exemplares. Sua melhor tiragem foi de 1,7 milhões de cópias. Em 27 de agosto de 1992 foi lançada a última edição da revista, com uma tiragem de 700.000 cópias. Gerar Braun, seu primeiro editor, a definiu como uma revista apolítica.

Johannes trabalhou para a revista *"Quick"* durante quinze anos. Com frequência era enviado para outros países, principalmente para o continente americano, onde atuava como correspondente. Ao todo teve sete pseudônimos e publicou diversos artigos e reportagens.

O escritor

Aos poucos o escritor passou a dividir a ocupação de jornalista com a de escritor. Aproximadamente em 1963 deixou o jornalismo e passou a dedicar-se

apenas à escrita criativa. Desde 1949 o autor publicava um romance a cada dois anos. Sobre esses, o autor afirma que 85% de suas obras são baseadas em fatos reais e que suas personagens são baseadas em sua própria vida e experiência.

O primeiro grande best-seller do autor foi a obra "Nem só de caviar vive o homem", publicada em 1967. Este livro bem aprovado pela crítica literária e bem acolhido por seus leitores abriu as portas para que as traduções de suas obras chegassem ao continente americano. No entanto, o livro "Todos Somos Irmãos" foi considerado como a melhor obra do autor. A receptividade do público, no entanto, foi baixa.

O escritor recebeu diversas homenagens e premiações. Entre elas, o primeiro prêmio da National Theater Mannheim¹, em 1959, por uma novela que não foi traduzida para o português, o Prêmio Cultural da Maçonaria Alemã², no ano de 1980, pelo livro "Ainda resta uma esperança" e o Prêmio por Excelência das Nações Unidas, em 1991³. Além disso, na República Democrática Alemã alguns de seus livros foram adaptados para o cinema, novelas, teatro e minisséries televisivas. Entre as adaptações destacam-se as adaptações dos livros "E Jimmy foi ao arco-íris", "Amor é só uma palavra", "Não matem as flores" e "Amanhã é outro dia".

Desde a década de 1970 a Universidade de Boston possui um grande acervo sobre as obras do autor: romances, manuscritos, anotações, relatos, peças de teatro e reflexões. Todo o material, inclusive alguns inéditos, encontram-se disponíveis para consulta pública. A biblioteca foi nomeada de Coleção Johannes Mario Simmel e é o maior acervo organizado sobre o autor e suas obras.

Amanhã é outro dia: romance baseado em fatos reais

Em 1948 Johannes escreveu o livro "Amanhã é outro dia". O livro foi lançado na Alemanha e Áustria no ano seguinte, e pouco tempo depois traduzido para diversos idiomas e publicado em diversos países. No Brasil, a obra foi publicada pela editora Nova Fronteira e traduzida por Erika F. Rizzo.

No romance, baseado em fatos reais, Johannes trabalha com um acontecimento histórico específico da Segunda Guerra Mundial: os ataques aéreos que a cidade de Viena sofreu nos dias 26 e 27 de março de 1945.

Durante a manhã do dia 26 de março de 1945 aviões quadrimotores dos Estados Unidos da América, provenientes da Base do Mediterrâneo, atacaram o centro de Viena, atingindo diversas instalações da região industrial e central da cidade. O alvo, segundo o *461st Bombardment Group*⁴, era o Pátio de Montagem de Trens de Stranzhof na Áustria.

A pequena cidade Stranzhof encontra-se na região industrial da Áustria, estando a apenas vinte e cinco quilômetros de Viena. A cidade desenvolveu-se rapidamente em torno de um pátio ferroviário que funcionou entre os anos de 1908 e 1959. Em 1945, o Pátio de Montagem de Trens Stranzhof era o responsável pela organização e montagem dos vagões de carga dos trens da

cidade. Na época era uma estação ferroviária sem uso, local exclusivamente destinado para carga e descarga desses trens e para a montagem dos mesmos.

No dia do ataque o céu de Viena estava encoberto. Os aviões de ataque foram desviados de sua rota pelo fogo de artilharia vienense e o ataque atingiu a cidade. Dois dos quadrimotores atacantes foram atingidos e centenas de pessoas foram mortas.

No centro de Viena havia um prédio antigo, pertencente ao Mercado Novo, próximo à Rua Plankengasse. O prédio era bastante conhecido por possuir uma adega secular, que desde o início da guerra, servia de abrigo anti-aéreo para seus moradores. Quando o ataque foi anunciado, sete pessoas procuraram proteção nesse abrigo. O prédio foi atingido e a passagem que possibilitava a entrada e a saída do abrigo foi bloqueada, impossibilitando assim a saída de seus abrigados após o término do ataque. O fato chamou a atenção dos vienenses, pois era conhecido que pessoas haviam procurado proteção na adega e que estavam ali aprisionadas. Há pouco tempo, o proprietário do prédio havia dado início a obras para a construção de uma ligação com o abrigo de um edifício vizinho. A passagem, no entanto, não estava finalizada.

Formou-se uma equipe de resgate para desbloquear a passagem e libertar os abrigados. As primeiras tentativas foram inúteis: no dia seguinte a cidade sofreu um novo ataque aéreo. Segundo o autor, passaram-se mais de vinte e quatro horas até que se pudesse estabelecer contato com os abrigados.

A sociedade austríaca de 1945: visão panorâmica

O relacionamento dessas sete personagens e a sua postura para o resgate e sua própria liberdade constitui o enredo da obra. Eram três homens, três mulheres e uma criança de idades diferentes, provenientes de classes sociais distintas e de opção política, religiosa, interesses e hábitos por vezes conflitantes. No entanto, as sete personagens tiveram suas vidas alteradas com o avanço e domínio do regime nazista na Áustria e o estopim da Segunda Guerra Mundial. Aprisionadas no abrigo anti-aéreo e sem possibilidade de libertação rápida, as sete personagens se deparam com suas ideologias, crenças, religiosidade, dúvidas, medos, receios e esperança, nem sempre compatíveis. Trata-se de uma visão panorâmica sobre a sociedade austríaca de 1945.

O primeiro grupo da sociedade austríaca apresentado pelo escritor é apresentado através da personagem Therese Reimann, uma senhora de sessenta e sete anos de idade, moradora do prédio que fica sobre o abrigo. Therese era uma pessoa calma, católica, de fé inabalável. Não tinha familiares, não era casada, não tinha filhos e não tinha amigos. Era apta à solidão. Therese não se interessava por política: durante a guerra sua única preocupação era seu bem-estar e a preservação de sua saúde e seus bens.

Therese Reimann representa o grupo de pessoas que era apático com

relação aos acontecimentos de seu tempo. Não assumia nenhuma posição crítica com relação aos acontecimentos recorrentes a seu país ou à sua contemporaneidade. Era apolítica e buscava manter sua vida em um cotidiano com um ritmo normal, adaptando-se às situações pelas quais passava, sem se questionar, apenas buscando proteger a si mesma, seus bens, sua história, a história de seus antecessores e sua fé.

Como seria a última fase da guerra, isto era assunto que não preocupava muito a velhinha. Preferia dar crédito às notícias de rádio, tranquilizadoras, de um otimismo inabalável, e aos artigos dos jornais que exortavam o povo a ter confiança, e muito oportunamente lembravam que a cidade de Viena também no passado resistira ao assalto de horas guerreiras e sempre saíra fortificada e recuperada de todos os males (SIMMEL, 1978, p. 11).

Reinhold Gontard é a segunda personagem apresentada na obra. Reinhold tinha quarenta e oito anos de idade e era padre de uma pequena igreja local, próxima à região central de Viena. Entre os seus, Reinhold Gontard se destacava por sua fé inabalável em Deus e na doutrina católica. Após o início da Segunda Guerra Mundial, Reinhold presenciara cenas que alteraram sua vida e sua forma de pensar e agir. Recorrendo-se à sua fé e a seu ofício, inicialmente passou a celebrar suas missas rezando desesperadamente pedindo auxílio e intervenção divina. Pouco tempo depois, passou a executar suas obrigações eclesíásticas sem atenção, buscando refúgio na bebida alcoólica. Em pouco tempo tornou-se um alcoólatra.

seus olhos sempre atentos tinham visto tanta coisa, que à noite, quando cerrava as pálpebras para dormir, as imagens captadas se reproduziam em sua mente em colorido caleidoscópico e o atormentavam. Tinha visto homens na força, mulheres com rostos pisados e corpos vilipediados. Vira cartazes ultrajantes, massas humanas desesperadas e bandeiras. Bandeiras e mais bandeiras! (SIMMEL, 1978, p. 18).

Reinhold não possuía uma opinião sobre os acontecimentos e o desenrolar do conflito. Sentia-se confuso e impotente perante o desenrolar dos fatos. Não era adepto a nenhum partido político. Essa personagem representa o grupo dos austríacos que sentiam-se temerosos e aprisionados dentro da realidade da guerra. Não possuíam atividade de resistência nem participação direta nos conflitos, porém sentiam-se confusos e infelizes com a realidade com a qual viviam. Questionavam-se constantemente sobre o motivo que levava a mais uma guerra, não entendiam a necessidade do conflito e da brutalidade usada pelos guerrilheiros para alcançar um objetivo que lhes era desconhecido. Outro questionamento comum era o por quê dessa guerra, já

que a Primeira Guerra Mundial havia sido justificada sob a argumentação de impedimento quanto ao surgimento de outras guerras.

A família austríaca, a mulher do soldado combatente, a mãe de crianças que cresciam naquele conturbado cenário em destruição, a noiva apaixonada, a amante e a esposa do soldado austríaco combatente são representadas por Anna Wagner. Anna era a esposa de Peter Wagner, um suboficial que foi convocado para lutar na Rússia. Tinha trinta e cinco anos de idade, estava grávida e era mãe de Evi Wagner, uma garotinha de seis anos de idade.

Desde a convocação e partida de seu marido, Anna passou a se sentir infeliz, incapacitada e aprisionada por seu medo e pavor constantes.

Desde aquele dia, em maio de 1944, quando o marido partiu para voltar à sua unidade no front leste, esta paralisante sensação de pavor não a deixou mais. [...] A vida de Anna Wagner estava subordinada a este pavor, ela existia apenas como uma sombra, pálida, trêmula, desamparada (SIMMEL, 1978, p. 22).

Anna buscava manter sua vida normal, cuidando de sua filha Evi e ajudando sua mãe com as atividades domésticas. Mãe e filha moravam em um grande prédio na região industrial de Viena, alvo constante de artilharia dos inimigos. Assim que soube de sua segunda gravidez, Anna passou a ter um grande pânico com relação aos conflitos e ao local onde morava. Buscando proteção para si e seus dois filhos, Anna mudou sua rotina: todas as manhãs arrumava a filha e uma maleta marrom com uma marmita, dinheiro, seus documentos, uma troca de roupa e a boneca preferida de Evi. Saíam as duas em direção ao centro da cidade, quando com sorte conseguiam uma carona.

Ao descrever o cotidiano de fuga de Anna Wagner, Johannes apresenta um panorama sobre a sociedade austríaca daquele tempo como um todo:

Por vezes, Anna sentava-se [...] junto com os outros que também esperavam pelo ataque. Instaladas em cadeirinhas baixas, as mulheres liam ou tomavam sua primeira refeição tardia com seus familiares. Para elas não havia pressa: não havia mais obrigações. Em meio ao grande pavor tinham como única tarefa preservar a vida, evitar a morte que a todo novo dia poderia vir. Viam-se poucos homens entre elas. Crianças sim; brincavam ao redor despreocupadas e alegres; divertiam-se, mudando de brincadeira de acordo com o lugar (SIMMEL, 1978, p. 26).

Não foi apenas a rotina dos jovens, adultos e idosos que sofreram alterações em decorrência ao estopim da Segunda Guerra Mundial. A vida das crianças passou também por um processo de mudança. Muitas escolas foram fechadas e as crianças passaram então a permanecer mais tempo em casa, com suas mães e irmãos. Enquanto há poucos anos atrás a realidade as induzia a se

divertirem em jogos de roda, brincar com bonecas e correr livremente pelas ruas e praças da cidade, a guerra lhes trouxe novas brincadeiras: a mímica de um soldado sendo morto, o som de sirenes de ambulâncias, o som de bombas que caíam pela cidade, o grito de pavor e susto perante o ataque. As crianças austríacas, inocentes, corajosas, são representadas na obra por Evi Wagner.

O nazista é representado na personagem Walter Schroeder, um químico de trinta e cinco anos de idade que trabalhava no laboratório de uma fábrica de aparelhos radiotécnicos no sul de Viena. Devido à sua profissão foi dispensado de servir no Exército, devido ao seu trabalho abdicou de sua família. Walter acreditava fielmente em tudo o que seus líderes lhe diziam e executava cegamente todas as suas ordens. Acreditava que seu trabalho era essencial e indispensável para livrar a Alemanha e a Áustria da perda da guerra. Segundo o autor, *"Schroeder não tinha consciência. Era 'um homem sem coração' quando se tratava de pessoas que ele e os seus classificavam de 'inimigos do Reich'. 'Um homem sem coração' que praticava a injustiça com a maior simplicidade pois acreditava nela, era parte dela"* (SIMMEL, 1978, p. 30).

Representando as pessoas que não tinham participação política, porém possuíam uma opinião crítica a respeito dos acontecimentos e buscavam conscientizar os austríacos de sua culpa no desenrolar dos acontecimentos aparece na obra a personagem Susanne Riemenschmied, uma jovem solteira, de classe média alta, que não tinha familiares vivos e tinha poucos amigos. Susanne era atriz. Segundo o autor, Susanne

não menosprezaria o passado pelo qual não lutara, nem se regozijaria com o futuro, cujos frutos colheria sem ter lançado as sementes. Liberta de uma falsa alegria, da submissão e do medo, assim Susanne pretendia enfrentar a última fase da guerra. Impaciente sim, mas não disposta a proclamar opiniões sobre as quais silenciara no passado; esperançosa sim, mas decidida a não se deixar arrastar pela onda geral de um oportunismo barato. Era difícil recuperar o que ela e os outros haviam perdido, mas carregaria com dignidade sua parte desta culpa coletiva, de maneira discreta, mas sem ser submissa, procurando assim ser melhor do que era antes (SIMMEL, 1978, p. 38).

Em contraponto à Walter Schroeder existe Robert Faber, a sétima personagem apresentada no livro. Robert é importante na obra por três motivos: primeiro por representar o único soldado austríaco no contexto; segundo por ser um soldado desertor, resistente ao movimento nazista e; em terceiro, por ser o próprio autor da obra.

Ideologia nazista: a posição do autor

Em toda a obra é possível identificar a posição crítica e anti-nazista de Johannes. Através do diálogo e da descrição das personagens o autor deixa

bem claro sua postura crítica ao nazismo e ao movimento nazista na Europa e no mundo e aos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. Essa crítica está presente em todas as personagens, de acordo com sua personalidade, e sua forma de pensar e agir. Ao descrever uma discussão entre Walter Schroeder, o químico nazista, e Robert Faber, o soldado desertor, por exemplo, o autor afirma que Schroeder

odiava a todos. Todos eram seus inimigos. Prendiam-se àquela mísera vida... enquanto para ele, ela não valia um vintém. A vida dos outros. A sua também não. Para Robert Faber a vida era um milagre. Para Walter Schroeder, uma merda. Para Faber o ataque aéreo e o abrigo soterrado haviam criado uma situação diante da qual era preciso mostrar responsabilidade. Para Walter Schroeder esta situação nada mais era do que uma tola, fria, e desumana obrigação a cumprir. O primeiro era um homem; o segundo um homem-máquina. Um homem-máquina a serviço de uma poderosa força negativa, cujo alvo era a destruição de tudo o que era belo. O fim do mundo... Na realidade, os acontecimentos destas últimas horas haviam-no transformado no protótipo ao qual ele mesmo se condenara, no indivíduo que colocava o ódio diante do amor, a obrigação na frente do bom senso, e a força diante da justiça. A ele não importava a preservação da vida humana, esta lhe parecia inteiramente indiferente. Embora ele mesmo não o percebesse, o que importava para ele era o que importava aos chefes que o conduziam: ter sempre razão e ficar com o poder, a todo custo... a todo custo também, ser o mais forte agora e para sempre, mesmo que todos que lhe dessem ouvidos fossem exterminados como ratos. Apenas isto; nada mais (SIMMEL, 1978, p. 108-109).

Segundo o autor, o nazismo e seus idealizadores bem como seus atuantes deveriam ser destruídos, pois, assim como afirma através de Robert Faber *"este Schroeder é um mal, uma epidemia. [...] Ele é uma ameaça para todos nós"* (SIMMEL, 1978, p. 151). Essa mesma postura pode ser analisada e conferida em um diálogo entre Robert Faber e Susanne Riemenschmied:

- E aqueles que até agora não compreenderam o que está acontecendo, que insistem em ganhar a guerra?
- Estes têm é medo de perdê-la – disse Faber. – Como aquele químico ali.
- Schroeder? – perguntou Susanne.
- Exatamente. Uns não conseguem dormir de noite porque temem que possam ganhar a guerra; outros passam a noite em claro, receando que possam perdê-la.
- E por isto é que lutam?
- Que outra coisa poderiam fazer? Cada um tira suas

conclusões, age de acordo com suas resoluções. Eu desertei. Schroeder se esforça por conseguir construir seus foguetes para destruir Nova York. E cada um acha que está fazendo o que é certo...

– E afinal quem está com a razão?

– Eu – disse Faber. – Eu estou com a razão. Porque quero que as pessoas vivam em paz. Schroeder quer que elas morram (SIMMEL, 1978, p. 148-149).

O medo e a culpa: a busca pela liberdade

Na obra, é possível perceber que o homem austríaco é refém de seu medo, que o aprisiona. Todos os personagens estão aprisionados em um medo constante em decorrência ao domínio nazista na Áustria. Therese Reimman teme a vida, teme o envolvimento com outras pessoas, teme perder os seus bens materiais, teme a morte. Reinhold Gontard teme os líderes da guerra e teme a injustiça que a guerra causou. Anna Wagner teme por sua vida e a vida de seus filhos e marido. Evi Wagner, uma criança de apenas seis anos de idade, teme que seu pai não volte para casa, que o oxigênio do abrigo acabe, matando-a, e que jamais possa sair do abrigo para poder brincar novamente. Walter Schroeder teme que a Alemanha perca a guerra e que seu trabalho não seja cumprido. Susanne Riemenschmied teme por sua vida e pela continuidade do conflito. Robert Faber, por fim, teme que a guerra continue, que descubram sua identidade e assim o matem, por ser um soldado desertor.

O surgimento do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães também é um dos assuntos trabalhados na obra de Johannes Mario Simmel. Segundo o autor, o causador e responsável pelo conflito da Segunda Guerra Mundial foi o Partido Nazista, argumento que enfatiza sua posição crítica e resistente ao movimento. Nas palavras das personagens Schroeder e Gontard, Johannes declara:

– Muito bem. Nós então é que somos os culpados, não é?

– Por esta guerra, sem dúvida.

– E quem é culpado por nós? Por nosso partido? Por nossas idéias? Sr. Gontard, já pensou alguma vez como poderia ter surgido o movimento a que pertencemos? Certamente, não pelo fato de alguns criminosos terem dentro de si uma necessidade desmesurada de poder.

– Claro que não. – disse Gontard. – Existem razões de caráter econômico e político, sei disso.

– Nosso movimento tinha que surgir – exclamou Schroeder apaixonado. – E surgiu por causa dos crimes e erros de outros. Por causa da Primeira Guerra Mundial, pelo Tratado de Versalhes que foi uma idiotice, pelo comportamento irresponsável dos países vencedores (SIMMEL, 1978, p. 164-165).

Mas Johannes não culpa e responsabiliza apenas aos nazistas o avanço e o domínio do nazismo pela Europa e os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. Segundo o autor, todos aqueles que não impediram o avanço do movimento e a solidificação do Partido Nazista ou sua atuação são igualmente culpados por todos os acontecimentos. O próprio autor se coloca como culpado, ao dizer que

Todos sabíamos que era crime ficar calado, mas nunca nos calamos tanto. Quando colocávamos cinquenta reféns diante do paredão, sabíamos perfeitamente que aqueles pobres idiotas eram inocentes do crime pelo qual foram tomados como reféns. Quando nossos bombardeiros destruíam pequenas cidades diante de nossos olhos, todos sabíamos que nos abrigo só havia mulheres, crianças e velhos que ali iam morrer. [...] Quando víamos os comboios abarrotados de gente que sabia tão bem quanto nós qual seria o seu destino, isto é, a morte, por que nenhum de nós não dizia uma única palavra? Meu Deus, por quê? Quando víamos claramente que estávamos sendo enganados por todos, quando ouvíamos como escarneciam de nós com as suas mentiras, quando sentíamos perfeitamente que tudo estava perdido, que tudo era em vão, por que nos calamos? Oh, por que fui um canalha tão infame, tão covarde, tão miserável? E você, irmão, por que foi também um canalha tão infame, tão covarde, tão miserável? [...] Sabem por quê? Eu vou lhes contar: porque o medo dominava a todos nós. Só por isso. O medo se apoderava de nós e não conseguíamos mais nos livrar dele. Tínhamos medo. Por isso lutávamos. Por isto morríamos (SIMMEL, 1978, p. 126-127).

O sentimento comunitário de culpa também é trabalhado na obra pelo autor. Todas as personagens se sentiam culpados por estarem presos ali, por terem entrado no abrigo. Alguns se sentiam igualmente culpados por nada fazer diante de tantos acontecimentos. Nas palavras de Reinhold Gontard e Susanne Reiemenschmied, esse sentimento é expresso no seguinte diálogo:

– Nós três, eu, você e o Faber sabemos perfeitamente o que queremos. Até agora apenas falamos. [...] Faber só não adianta. Somos adversários de Schroeder, mas isto não basta. Temos que permanecer unidos e temos que agir. Aqui dentro do abrigo e lá fora na vida. Só assim poderemos nos libertar de nossa culpa.
– Libertar? – perguntou Susanne.
– Exatamente. – retrucou o padre. É isto que temos que fazer (SIMMEL, 1978, p. 211).

A liberdade é o que os personagens mais anseiam na obra. Johannes nos apresenta sete personagens distintos e por vezes conflitantes, porém com um

objetivo em comum: sua liberdade e o resgate de seu individualismo, personalidade e identidade. O autor apresenta todos seus personagens aprisionados em seu medo, culpa, dúvida, temor e solidão. Simbolicamente, ao tentar sair do abrigo, cada um deles busca resgatar sua liberdade pessoal, social, individual.

Conclusões

A mensagem do escritor Johannes Mario Simmel é uma mensagem de conscientização e esperança. No livro "Amanhã é outro dia", as duas personagens que a representam são Evi Wagner e seu irmãozinho prestes a nascer.

O romance "Amanhã é outro dia" é baseado em fatos reais. Johannes Mario Simmel é o personagem Robert Faber, que após a morte de Walter Schroeder assumiu perante o grupo que era um soldado desertor. Ao ser libertado, o grupo permitiu que Johannes fugisse. Anos depois, o escritor descobriu que o exército fuzilou os integrantes do grupo por tal ato.

Em primeiro de janeiro de 2009, o autor faleceu na cidade de Zug, na Suíça, aos oitenta e quatro anos de idade. A causa de sua morte não foi divulgada.

A mensagem do autor pode ser encontrada em diversas obras, espalhadas por todo o mundo. Na coletânea de contos e crônicas intitulada "Ninguém quer um coração" (1979) o autor registra sua maior vontade com relação às suas diversas obras:

Espero ter-me tornado com isso uma espécie de historiador inusitado do mundo em que vivemos: 'História' que é feita e 'histórias' que escrevemos não se relacionam apenas lingüisticamente de maneira muito íntima. [...] Seria bom se você, leitor ou leitora, ao ler, se sentisse como eu, pois todos nós esquecemos depressa demais. E não devemos fazê-lo (SIMMEL, 1979, p.6).

Sem dúvida, seu maior objetivo foi alcançado: a conscientização da população com relação aos acontecimentos inaceitáveis e de difícil compreensão do conturbado período da Segunda Guerra Mundial, o registro de memórias de pessoas comuns que vivenciaram episódios e acontecimentos de interesse mundial. Johannes Mario Simmel, sem dúvida, foi um grande escritor que apesar dos fatos que apresenta deixou uma mensagem de esperança para todas as gerações posteriores.

Notas

* Graduada em História pelo Centro Universitário Central Paulista - UNICEP. E-mail: domenicacristina@terra.com.br.

¹ No original alemão: *Nationaltheater Mannheim*.

² No original alemão: *Kulturpreis der Deutschen Freimaurer*.

³ UNITED..., [ca. 1991], 11/11/2008.

⁴ 461º Grupo de Bombardeio dos Estados Unidos da América. Foi fundado em 1943 pelo grupo de organização das Forças Armadas Aéreas para missões durante a Segunda Guerra Mundial.

Referências

461st Bombardment Group (H). **Mission 203**. Disponível em: <<http://www.461st.org/Missions/March1945.htm>>. Acesso em: 21 jan. 2009.

Dictionary of Literaty Biography on Johannes M(ario) Simmel. **Book Rags**. Disponível em: <<http://www.bookrags.com/biography/johannes-mario-simmel-dlb/>>. Acesso em: 17 abr. 2009.

ENCYCLOPEDIA OF AUSTRIA. **Neues Österreich**. Disponível em: <http://aeiou.iicm.tugraz.at/aeiou.encyclp.n/n377551.htm;internal&action=_setlnguage.section?LANGUAGE=en>. Acesso em: 21 abr. 2009.

ENCICLOPEDIA OF AUSTRIA. **Welt am Abend**. Disponível em: <http://aeiou.iicm.tugraz.at/aeiou.encyclp.w/w433139.htm;internal&action=_setlanguage.action?LANGUAGE=en>. Acesso em: 21 abr. 2009.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo A. M. (orgs). **A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FOLHA ONLINE – ILUSTRADA. **Escritor austríaco Johannes Mario Simmel morre aos 84 anos**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/ult90u485576.shtml>>. Acesso em: 19 jan. 2009.

SIMMEL, Johannes Mario. **Amanhã é outro dia**. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

_____. **A Terra ainda é jovem**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

_____. **Ninguém quer um coração**. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

_____. **Por quantos ainda vamos chorar?** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

_____. **Todos seremos irmãos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

_____. **Viver é amar**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

VELLOSO, Mônica Pimenta. A Literatura como espelho da Nação. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2.

Recebido em: junho de 2010.
Aprovado em: outubro de 2010.